

Jardim exíguo

Gastão Cruz

Era um jardim exíguo, como o de Pessanha (poderia até, em qualquer tempo, ter nele havido “altos girassóis”; mas não houvera): uma pequena quinta suburbana, com alguma agricultura; e um tanque, patos, caminhos calcetados, bancos vermelhos de jardim, caramanchões, um alto moinho metálico com pás, um poço, grande e fundo, uma enorme palmeira e outras árvores, entre as quais a velha romãzeira que, por fim, começara a secar – como quem com ela dialogara, ou contemplara “o júbilo da mudez”, com que a árvore exausta respondia “aos periquitos, na larga capoeira defronte”.

A casa estava implantada à esquerda de quem entrava, pelo grande portão vermelho; tinha o nome de Vivenda Azul (com origem na sua, de ninguém lembrada, improvável cor inicial?), mas sempre a conheci branca, jamais de outra cor. Primeiro andar, com varandas; de uma, lateral, avistava-se o mar (a cinco ou seis quilómetros). Uma cave; e um sótão.

Havia a habitação do caseiro, a garagem, um pequeno armazém, tudo isso ao fundo, e, um pouco antes, a casa do cão, que foi de vários, sucessivamente.

Perto do poço e da palmeira (por onde, às vezes, subiam ratos), e da piscina, recente, todos do lado direito da alameda principal, espinha dorsal do terreno, um pequeno lago, que era possível, cobrindo-o, converter em mesa. Talvez aí, como num fictício “riacho parado”, tivesse ocorrido o martírio daquele insecto que lembrava “um santo mártir”.

Girassóis arrancados e lançados no caminho, insectos de asas magníficas quebradas por algum vento, apocalipse dos dias simples, todavia pesados de ameaçadoras e ameaçadas tensões – mais tarde, impregnados da escolhida solidão, porventura tranquila, cósmica, vazia, reconciliada com o mundo desamparado das folhas que a luz e o ar faziam estremecer.